

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**O TRABALHO CRIATIVO EM UM CIEP MUNICIPALIZADO EM SÃO
GONÇALO:
PROMOVENDO A AUTONOMIA DOS ALUNOS**

Ana de Fátima Rosa

Orientadora Prof.^a Helena Amaral da Fontoura

**São Gonçalo
2009**

ANA DE FÁTIMA ROSA

**O TRABALHO CRIATIVO EM UM CIEP MUNICIPALIZADO EM SÃO
GONÇALO:
PROMOVENDO A AUTONOMIA DOS ALUNOS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para aprovação no Curso de Graduação em Pedagogia sob a orientação da Prof.^a Helena Fontoura

**São Gonçalo
2009**

**O TRABALHO CRIATIVO EM UM CIEP MUNICIPALIZADO EM SÃO
GONÇALO:
PROMOVENDO A AUTONOMIA DOS ALUNOS**

ANA DE FATIMA ROSA

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa DraHelena Amaral da Fontoura
FFP/UERJ

Profa Dra Gianine Maria de Souza Pierro
FFP/UERJ

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, amigo sempre presente.

À minha família pelo apoio.

À professora Helena Fontoura, que acreditou e investiu em meu trabalho.

Ao professor Claudio Barria Mancilla, que humildemente aceitou de seus alunos a troca de saberes.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre a questão da criatividade no ensino. Além disso, procura perceber como a criatividade e os aspectos relacionados a ela aparecem no contexto de um CIEP municipalizado em São Gonçalo, o 045 - Porto do Roza. Para isso, utilizamos como objeto de análise a observação de algumas aulas ministradas no referido CIEP. Entendemos que, para que haja efetivo aprendizado, é necessário que os alunos sintam-se motivados a aprender. Supomos que o primeiro componente que precisa ser considerado é o professor. De certo modo, é indispensável que o mestre entenda seu trabalho como vocação, o que fará com que ele apresente uma postura tanto profissional como emocional com relação à docência. Assim, o vocacionado mestre, motivado pelo que é mais importante no sucesso de sua missão, o educando, mesmo que lhe faltem algumas ferramentas necessárias no auxílio do processo ensino-aprendizagem, verá que esta falta terá pouca importância por ele ser dinâmico, criativo e promover a autonomia dos educandos. Em nossa pesquisa, vimos como é possível desenvolver atividades criativas mesmo quando as condições estão longe do ideal. Esperamos sensibilizar professores em formação e em atuação para as possibilidades de um processo educativo que desenvolva autonomia e criatividade.

Palavras-chave: criatividade, vocação para o magistério, autonomia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	8
1.1 – Breve recorte histórico sobre a identidade do professor.....	8
2. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO CRIATIVO	11
3. CIEP MUNICIPALIZADO PORTO DO ROZA: FRONTEIRAS ENTRE A REALIDADE E A POSSIBILIDADE.....	14
3.1- “Tia por que a gente não pode?”	15
3.2- Crianças autônomas: alunos que tem <i>vez e voz</i>	16
3.3- Da realidade para a possibilidade.....	17
4. APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS PARA O ENSINO CRIATIVO.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
ANEXOS.....	23
Anexo I- Atividades ..	24
Anexo II- Outras propostas de atividades	26
Anexo III- Fotos	29

INTRODUÇÃO

A prática pedagógica tem sido, já há muito tempo, tema de inúmeros debates e teorizações no campo da educação e áreas afins. Vários autores descreveram sobre o fazer pedagógico e a *práxis* de sala de aula. Apesar de todas essas problematizações existentes, a prática em sala de aula e o papel do professor ainda são temas de muitos questionamentos no campo da educação.

Dentre as discussões, encontra-se uma questão de imensa importância: a sala de aula é um lugar que propicia a criação do novo? Essa indagação é uma das questões centrais da nossa pesquisa. A partir dela, começamos a observar como uma turma de um CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) municipalizado em São Gonçalo vivenciava o “espaço criativo” que deve haver em cada aula, em cada sala, em cada escola.

Em linhas gerais, este estudo pretende apresentar-se como uma possível reflexão sobre o trabalho criativo, prática que cada professor pode desenvolver com seus alunos. Entre as questões que nortearam a construção desta pesquisa, perguntamos: há possibilidade de trabalhar com alunos de um *CIEP municipalizado* de forma criativa?

O primeiro contato que estabelecemos com o CIEP Porto do Roza foi durante um estágio, na disciplina Estágio Supervisionado II do currículo do Curso de Pedagogia ministrada pela professora Helena Fontoura. Ao longo das visitas às dependências da escola e das salas, pudemos observar um fato que era recorrente em, praticamente, todas as turmas: a criatividade dos alunos. Apesar das muitas dificuldades de ordem sócio-econômica que os discentes enfrentavam, foi perceptível, em cada aula, o *engajamento criativo* por parte dos mesmos. Em suma, esse foi o fator principal que nos levou a refletir sobre o tema em questão.

Acreditamos que a presente pesquisa apresentar-se-á como mais um possível recorte espaço-temporal desse tão grande universo, que é cada sala de aula. Grande parte das descobertas inicia-se a partir do que é, muitas vezes, considerado simples, ou, até mesmo irrisório. As observações das aulas constituíram a matéria-prima essencial do nosso trabalho.

Entendemos, assim como Paulo Freire, que “outro saber necessário à prática educativa... é o que fala a respeito da autonomia do ser do educando.” (2002, p.65-66). Neste sentido, nossa pesquisa procura demonstrar que o professor precisa considerar os saberes que o aluno traz quando chega à sala de aula. Além disso, é imprescindível que o docente permita que o aluno tenha a oportunidade de participar ativamente do processo ensino-aprendizagem. A essa participação denominamos *autonomia*: autonomia para expressar-se, para fazer e para criar.

As considerações feitas acima apontam para um aspecto muito importante com relação ao ensino, tal como aponta Freire (2002): “O fundamental é que professor e aluno saibam que a postura

deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa e indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professores e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos.*” (p. 96)

Nossa pesquisa situa-se em um ponto de intercessão com a constatação acima. A partir do que observamos e vivenciamos, tentaremos mostrar que o ensino criativo é possível, desde que o professor, ao constatar essa necessidade, mova-se na direção apontada pelos seus discentes, utilizando, para isso, os métodos, procedimentos e instrumentos de que dispõe.

Dessa forma, entendemos que a criatividade deve ser um requisito presente no ensino, já que um dos principais pressupostos da aprendizagem é que os alunos se sintam motivados a aprender.

Sobre esse assunto, Canário (2006) afirma que: “A pessoa humana constitui, aliás, o único ser existente no universo que busca permanentemente conhecê-lo. A atividade de aprender é, portanto, tão necessária, natural e inevitável como respirar.”

As linhas acima descreveram, de forma geral, o objeto de análise da pesquisa em questão. Pretendemos oferecer um panorama representativo da unidade de ensino que temos por objeto de análise. Para isso, no capítulo primeiro teceremos alguns comentários sobre a prática do professor, bem como a trajetória social dessa profissão ao longo dos últimos anos, ou seja, como a sociedade começou a encarar a carreira docente e de que maneira essa mudança influenciou a vida dos professores.

O capítulo dois discorre sobre o ensino criativo. Apresenta teóricos que trabalham com o conceito de criatividade na prática educativa. Além disso, apresenta as características principais que caracterizam tal ensino.

No capítulo três apresentaremos as observações das aulas e da visita à escola. Refletiremos sobre o que vimos e também traçaremos um paralelo entre o binômio realidade/possibilidade.

As propostas para o ensino criativo serão apresentadas no capítulo quatro. Essas atividades foram desenvolvidas por colegas de trabalho durante o período de estágio. Por último, teceremos as considerações finais. Nos anexos, descreveremos as atividades com o objetivo de sugerir um material alternativo aos professores que desejam trabalhar com atividades criativas em sala de aula.

1.0 PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Apesar das várias modificações ocorridas na prática educativa desde os primórdios da educação, há uma figura central que esteve presente desde o começo do processo: o professor. É interessante observar que, nem sempre foi necessária uma sala de aula para que o professor exercesse sua função. Canário (2006) argumenta que:

A escola, na forma histórica em que a conhecemos, correspondeu à transição um modelo baseado na relação dual entre um mestre e um discípulo para um modelo em que um mestre ensina simultaneamente muitos alunos, ou seja, uma classe. Essa modalidade de organização representou uma invenção prodigiosa, que permite, de maneira deliberada e sistemática, o acesso rápido e democratizado a um patrimônio universal de saberes. (Canário, 2006)

A análise da trajetória do professor permite observar que, de acordo com o contexto sócio-histórico considerado, seus objetivos, enfoques, metodologias e abordagens devem mudar, a fim de atender as necessidades dos educandos.

O professor possui um papel extremamente importante no processo educativo. Ele atua como mediador e articulador dos saberes e conhecimentos compartilhados em sala de aula. Embora em muitos casos não seja possível verificar essa mediação/articulação durante as aulas, as reflexões atuais sobre o papel do professor apontam para a necessidade de que ele aja dessa forma.

Segundo Freire (2002:52), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Entretanto, como sinalizado acima, apesar dessa constatação ser reconhecida como verdadeira, muitos professores não a “praticam” em sua sala de aula. Quais seriam os motivos? Será que eles estão desmotivados demais devido aos baixos salários e às precárias condições de trabalho? Ou será que eles nunca foram vocacionados para serem professores, mas optaram pelo magistério por outras razões?

A seguir apresentaremos algumas reflexões sobre o trabalho do professor, bem como as mudanças ocorridas na sua identidade, além da diferenciação dos conceitos de professor “profissional” e professor “vocacionado”. Para isso, utilizaremos como principal referencial teórico a obra de Ferreira (2003), *O professor invisível: imaginário, trabalho docente e vocação*.

1.1- Breve recorte histórico sobre a identidade do professor

Ser professor, há algumas décadas atrás, era sinônimo de prestígio social. Atualmente, grande parte dos indivíduos que exercem o magistério são vistos como mal-remunerados e insatisfeitos. Em seu livro, Ferreira (2003) aponta para dados muito interessantes. O pesquisador observa que, apesar da grande mudança de *status* na carreira do magistério e das dificuldades econômicas, sociais e, muitas vezes, emocionais e psicológicas a que os professores estão expostos, um grande número de indivíduos ainda escolhe a docência como a carreira na qual trilharão grande parte dos anos de suas vidas.

O jornal Folha Dirigida, de 15 de outubro de 2009 trouxe um suplemento de educação, em homenagem ao Dia do Professor. O suplemento apresentou uma enquete (p.5), cujo título era: “*Vale a pena ser professor?*” Logo após o questionamento, aparecia a seguinte reflexão:

Há algumas décadas atrás, a docência era uma carreira bem vista e admirada. E, para os alunos, dentro de sala de aula, os professores tinham a mesma autoridade que os pais em casa. Atualmente, qual é o retrato do educador em um país como o Brasil? Como os baixos salários, condições precárias e até mesmo a violência escolar interferem nos seus projetos profissionais?

Para responder ao questionamento, seis professores foram consultados. Dentre eles, cinco lecionavam no ensino fundamental e médio e um era professor do ensino fundamental (do 1º ao 5º ano). Um aspecto comum a todos os entrevistados foi, a despeito das inúmeras dificuldades sinalizadas por eles, a afirmação de que vale a pena ser professor. No discurso de cada um deles, é possível perceber que eles possuem uma visão nítida e prática do papel que exercem. Vejamos parte do depoimento de dois deles:

“Eu sou completamente apaixonada pelo que eu faço. A minha área, a educação infantil, nos proporciona muitos momentos bons. Não há nada que se compare à pureza de uma criança.”

R.M., professora do ensino fundamental, todas as matérias.

“Lógico que vale. Se eu pudesse, faria tudo novamente. Essa profissão é muito especial, pois trabalhamos na área de construção de conhecimento, ou seja, qualquer outra formação depende da instrução transmitida nos bancos escolares.”

G.C., professora aposentada, Informática Educativa.

Os depoimentos acima convergem com a análise apresentada por Ferreira (2003), que considera que muitos professores permanecem no magistério motivados por questões que vão além dos ganhos materiais ou por falta de oportunidade em uma “profissão melhor.” O autor acredita “na possibilidade da vocação do professor manifestada na mestria enquanto sentido, busca”, ao mesmo

tempo em que entende essa mesma vocação “como uma das dimensões da humanidade que não nega qualquer outra e aponta para um homem inteiro, mestre e professor, educador e professor, vocacionado e profissional.” (Ferreira, 2003, p. 20)

Desse modo, a reflexão sobre a prática docente não deve se basear no questionamento do binômio *vocação ou profissão*? Ferreira (2003) entende que a sociedade orienta-nos no sentido de classificar o professor a partir de uma decisão baseada em sua vocação ou em uma escolha apenas profissional. Nessa concepção, uma possibilidade exclui a outra. Entretanto, o autor considera a possibilidade de conciliação das duas possibilidades. Nessa opção, o professor considera tanto a dimensão afetiva da sua prática como a instrumentalidade e o conhecimento que são necessários ao exercício dela.

2. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO CRIATIVO

Nessa seção, não nos deteremos em análises teóricas sobre o conceito de criatividade. Nosso objetivo principal é oferecer uma visão geral sobre como a criatividade pode ser tratada em sala de aula.

O *primeiro aspecto* a ser considerado é a questão do tipo de material disponível. Há, muitas vezes, uma falsa concepção nos meios escolares de que a criatividade só existe se houver muitos materiais, ferramentas e recursos. Esse conceito precisa ser desmistificado, pois o principal instrumento na criatividade é o sujeito, e não o objeto. Nesse sentido, mesmo em uma sala de aula simples, com poucos recursos, é possível trabalhar com criatividade, pois o principal material- humano- está presente.

Canário (2006) abordando sobre o prazer de aprender, cita uma célebre frase de Kant:

Um dos caminhos mais promissores para transformar positivamente a escola é torná-la um conjunto de recursos materiais e humanos plurifuncionais aberto a uma utilização intensiva por parte de públicos e parceiros diversos, empenhados em desenvolver múltiplas atividades de aprendizagem. (Canário, 2006).

Devido à constante preocupação com o ensino dos conteúdos, a escola, em muitos momentos, priva o aluno de exercer sua capacidade de criação. Alexander S. Neill (1883-1973)¹ acreditava que “a educação deveria trabalhar basicamente com a dimensão emocional do aluno, para que a sensibilidade ultrapassasse sempre a racionalidade.” (Nova Escola, p.78) Com essa afirmação, observa-se que o educador inglês considerou um aspecto altamente produtivo: a dimensão emocional. É necessário que o aluno sintam-se atraído pelo objeto de estudo que o professor se propõe a ensinar, pois desse modo haverá a verdadeira aprendizagem. Desse modo, “A aprendizagem em uma perspectiva criativa pressupõe que o aluno tome para si a necessidade e a vontade de aprender. Para isso, é preciso investir em ações que potencializem essa disponibilidade do aluno para a aprendizagem.”²

As considerações feitas até aqui apontam para a necessidade de um ensino criativo, todavia, como explorar as potencialidades dos alunos se a escola orienta sua prática considerando apenas

¹ Alexander S. Neil (educador, escritor e jornalista) foi fundador da *Summerhill School*(fundada em 1921), na Inglaterra.O principal objetivo de sua escola era concretizar um sistema educativo em que a criança possuía autonomia para escolher o que queria aprender.

² Citação extraída do artigo *A criatividade e o processo de ensino e aprendizagem*, sem referência ao nome do autor. Disponível em: www.facilitaja.com.br. Acesso do em: outubro de 2009.

alguns aspectos da inteligência dos alunos? Nesse sentido, um *segundo aspecto* que consideramos necessário é a reflexão sobre os diferentes tipos de inteligência/habilidades que os alunos possuem.

O ensino tradicional possui uma abordagem que limita a ação do aluno, já que privilegia determinadas habilidades, tais como leitura e decodificação/assimilação de conteúdos. Os alunos em geral, não têm a liberdade de expressar seus pensamentos. Desse modo, não é de se estranhar que haja tanto desestímulo por parte dos alunos, já que seus anseios e expectativas não são atendidos.

De acordo com Greatti, Loiola e Moretti (2004) “a ação física é necessária para que a criança harmonize de forma integral as potencialidades motoras, cognitivas e afetivas. Para tal desenvolvimento, utiliza-se a dança como recurso insubstituível... desenvolvida como atividade investigativa”. (2004, p. 143)

Tal abordagem aponta para uma prática de ensino mais criativo de algumas disciplinas, em especial àquelas relacionadas ao estudo do corpo humano e suas funções.

Uma teoria que pode auxiliar bastante na implementação de aulas mais criativas, com a participação ativa dos alunos, é a teoria da *Inteligência Múltiplas*, de Howard Gardner. Segundo essa teoria, existem diferentes tipos de inteligências: a lógico-matemática, a linguística, a musical, a visual/espacial, a corporal-cinestésica, a interpessoal, a intrapessoal e a pictórica. Se a escola começar a considerar que os alunos possuem diferentes aptidões/talentos, as aulas serão mais diferenciadas a fim de atender as diferentes necessidades dos docentes.

É indispensável que as inteligências múltiplas sejam consideradas e incluídas no processo ensino-aprendizagem para que os alunos alcancem o desenvolvimento pleno na sua formação. Partindo-se do pressuposto que o ensino criativo é aquele que tem como principal foco o desenvolvimento do aluno, essa teoria possibilita um maior entendimento sobre a necessidade de se considerar as peculiaridades e talentos dos alunos.

Da mesma forma que Gardner, Wallon (in Nova Escola, p.30/32- citado por Greatti, Loiola e Moretti) mostrou que “ a criança tem corpo e emoções e não apenas cabeça.” Neste sentido, o indivíduo é considerado como um todo, ou seja, afetividade, emoções., movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano, contribuindo para o pleno desenvolvimento do ser. Se é através do movimento que o indivíduo exterioriza seus desejos e suas vontades como demonstrá-los se não houver liberdade de expressão? Daí a necessidade do espaço escolar estar em harmonia com esse indivíduo e seus sentimentos.

Assim, a educação, realizada de forma criativa, é o meio pelo qual as capacidades dos alunos podem ser desenvolvidas. A revista Nova Escola, no capítulo dedicado ao pesquisador Gardner, traz o seguinte comentário:

O que leva as pessoas a desenvolver capacidades inatas são a educação que recebem e as oportunidades que encontram. Para Gardner, cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos ainda não moldado pela cultura, o que só começa por volta dos 5 anos. Segundo ele, a educação costuma errar ao não levar em contas os vários potenciais de cada um. Além disso, é comum que essas aptidões seja sufocadas pelo hábito nivelador de grande parte das escolas. (Nova Escola, edição especial, nº 19, p.130)

A citação acima descreve um quadro bem próximo da realidade de muitas salas de aula. O ensino tradicional apresenta métodos estratégias que, em grande parte dos casos, servem como barreira à formação criativa dos alunos. Assim, a função do professor no processo de ensino criativo é procurar removê-las, permitindo que propostas mais criativas aconteçam.

Em seu artigo, Medeiros (2006) apresenta a trajetória da vida educacional de Santos Dumont³. Suas primeiras instruções (educação primária) foram dadas por sua irmã Virgínia, sete anos mais velha que ele, e até os dez anos de idade, não frequentou qualquer escola formal. Após a instrução, começou a frequentar a escola, e, de acordo com o sistema educacional da época, Dumont não era um aluno considerado modelo ou exemplar: “ Santos Dumont nunca foi exatamente um bom aluno, em seu sentido padrão. Ele estudava apenas aquilo que lhe interessava e apesar de nunca ter se destacado como aluno notável, era um autodidata por excelência.” (Medeiros, 2006,p 31)

Esse breve relato da vida de Dumont ilustra exatamente um dos pressupostos que sustentam a nossa pesquisa: o fato de uma criança não adaptar-se ao contexto escolar, não significa que ela não é capaz ou que não está interessada em aprender, mas aponta para um fato muito claro: a escola precisa adaptar-se às necessidades dos educandos. Isso inclui que os professores possibilitem uma maior participação dos alunos em sala de aula, inclusive com suas “intervenções criativas.”

Neste sentido acreditamos que a participação ativa do aluno é indispensável no processo ensino-aprendizagem.

³ Para maior aprofundamento sobre o assunto, ver a obra: MEDEIROS, Alexandre. *Santos Dumont e a Física do Cotidiano*. Ed. Livraria da Física, São Paulo, 2006.

3. CIEP MUNICIPALIZADO PORTÃO DO ROZA: FRONTEIRAS ENTRE A REALIDADE E A POSSIBILIDADE

As reflexões feitas até aqui serviram como embasamento para o objetivo central de nossa pesquisa: observar se há possibilidade de trabalhar de forma criativa em um Ciep municipalizado. Sem dúvida, os educadores enfrentam inúmeras adversidades que se apresentam como obstáculos à implementação do ensino criativo; entretanto, quando o professor entende seu trabalho como uma forma de intervir no mundo e conscientiza-se da necessidade de nortear sua prática baseado em princípios que valorizem a formação integral dos educandos, a tarefa se torna mais fácil e passível de ser realizada.

A presente pesquisa nasceu de um questionamento durante a observação de algumas aulas na disciplina Estágio Supervisionado no CIEP Porto do Roza (Anexo 3- foto 1). Por inúmeros motivos, houve muitos impasses até conseguirmos nos fixar em uma turma para realizar o estágio.

Apesar de ter estagiado em várias turmas e ter percebido potencialidade criativa naquele espaço, houve uma que muito nos chamou atenção, devido ao grande potencial criativo que os alunos demonstravam durante as aulas.

Depois de ter assistido algumas aulas em turmas diferentes, descobrimos que outros estagiários já estavam trabalhando com aquelas turmas. Desse modo, começamos a percorrer os corredores da escola à procura de uma turma para concluir o trabalho. Então, encontramos um profissional da área, a quem perguntamos se havia alguma turma disponível para o estágio. A resposta foi que havia uma turma sem estagiário. Antes que pudéssemos descobrir qual era a turma e em qual sala ela se localizava, vieram várias recomendações sobre aqueles alunos, pois eles eram conhecidos como a pior turma da escola.

Terminada a conversa, seguimos em direção à referida turma. Ao entrarmos na porta da sala de aula, a hipótese de que aquela turma possuía algo incomum as outras foi confirmada. O que eles possuíam, na realidade, não era desinteresse ou desrespeito demais, mas um grande desejo de aprender, da forma mais criativa possível. Pudemos perceber isso já na chegada, porque já havíamos estagiado com o grupo na disciplina Estágio II. Aquela turma havia chamado tanto a nossa atenção, que tínhamos um desejo muito grande de reencontrá-los. E foi aquele o momento “oportuno” e esperado por nós que gerou as presentes reflexões e um aprendizado único e singular para nós.

Constatamos que a turma era a mesma (e os métodos de ensino também). Os alunos se mostravam mais criativos e críticos ainda. Desse modo, apesar de termos organizado as observações feitas sobre a turma e analisado alguns fatos ocorridos durante os encontros que travamos, atribuímos as páginas a seguir àquela turma, pois sem a existência e a participação delas, nossa pesquisa não

teria sido conduzida da forma que foi. Assim como nas aulas que pude estar com eles, aprendendo, a presença deles foi indispensável e altamente necessária nas reflexões e considerações propostas por nós.

3.1- “Tia por que a gente não pode?”

Ao entrarmos na sala, os alunos se recordaram que já havíamos estado com eles. Recebemos um abraço muito caloroso e iniciamos uma conversa com a turma. Percebemos que a maioria dos alunos não estavam interagindo com a aula, mas entre si. Grande parte dos estudantes se divertiam com uma brincadeira chamada “bondinho” (uma espécie de dança ao ritmo de funk). As outras copiavam um exercício do quadro, um texto intitulado “No jardim”, Maria Clara Machado. (ver anexo III - foto 1.1) Esse exercício tinha um texto que não estimulava muito a criatividade dos alunos, a não ser que houvesse a intervenção do professor.

Ficamos tão satisfeitos em reencontrar a turma, que somente depois de um tempo nos apresentamos à professora. Explicamos o nosso motivo da visita à sala. A professora ficou muito satisfeita e deixou-nos à vontade para realizar a atividade. Afirmou estar um pouco indisposta e retirou-se, afirmando que se tivéssemos algum problema, era só chamá-la, pois ela estaria por ali, bem por perto.

Após a saída da professora, continuamos a nossa conversa. Foi então que apareceram inúmeros questionamentos, como o que dá título a essa seção. Os questionamentos sinalizavam que os alunos queriam participar das aulas e de atividades criativas. Entretanto, eles alegavam que não havia nenhum tipo de atividade interessante na escola: “só lápis e papel.” Houve um momento que uma aluna desabafou: “Não há nada para fazer, a não ser copiar e responder, só isso, tia!” Como a insatisfação mostrava-se unânime, propomos que a turma fosse à direção para conversar sobre as aulas e as mudanças que eles gostariam que acontecessem na escola.

Nesse ponto da conversa, os alunos, desapontados, disseram que todo esse esforço seria inútil, já que, segundo eles, ninguém os ouvia. Dessa forma, a maneira que eles tinham de demonstrar que não estavam gostando das aulas era “fazer bagunça” e “brincar de bondinho no fundo da sala”, afirmavam eles. Percebendo as implicações que aquelas afirmações significavam, começamos a questionar sobre as intenções que eles tinham para o futuro. Afirmamos que a escola era muito importante, pois possibilitaria que eles aprendessem muitas coisas para mudar a realidade deles.

Salientamos o fato de que cada um deles tinha um ideal e que se eles não estudassem, não conseguiriam realizar esses sonhos. Assim, nos dirigimos a cada um deles, perguntando o que eles queriam fazer dali a alguns dias. Ouvimos respostas como: bombeiro, médico, modelo, da Marinha...

Após a resposta deles, afirmamos que cada uma daquelas profissões eram importantes e que uma dependia da outra.

Procuramos mostrar que cada um deles eram capazes de ser o que eles desejavam . Ninguém possuía o direito de impedir e afirmar que eles não poderiam realizar seus sonhos, por isso, eles não deveriam desistir. Caso eles não lutassem pelos seus sonhos e optassem por não estudar, estariam dificultando a possibilidade dos seus sonhos se tornarem realidade.

3.2- Crianças autônomas: alunos que tem *vez e voz*.

A seção anterior apresentou um panorama geral da visão que os alunos possuíam sobre si mesmos. Durante aquela breve conversa, percebemos que eles se consideravam impotentes diante da realidade que estava diante deles porque os seus desejos/sonhos/motivações não eram levados em consideração. Não se sentiam importantes, porque em nenhum momento sua presença pareceu acrescentar algo de positivo no contexto em que estavam.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação afirma no artigo 2º que “a educação... tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando...” (LDB, 1996). Desse modo, é indispensável que não somente a dimensão afetiva do aluno seja considerada, mas também a sua dimensão emocional e o desenvolvimento de sua parte criativa.

Não estamos afirmando que o aluno é quem vai “ditar” o que considera importante ou aquilo que ele não quer estudar. Todavia, como afirma Freire, a relação professor-aluno deve ser dialógica. Isso é necessário para que os alunos sintam-se parte do processo educacional, e não apenas seres passivos. É nesse sentido que dizemos que *a criança tem vez*. A constituição e as leis conferem esse direito a ela. Desse modo, não é a instituição de ensino ou a tradição escolar que pode privá-la desse direito. Exatamente por ser um direito que ela precisa exercê-lo com liberdade.

Uma das possíveis maneiras de permitir que os alunos expressem seus sentimentos com liberdade é trabalhar com a arte no espaço escolar. Deve-se levar em consideração que esses ambientes não se limitam à sala de aula, mas a todos os espaços que as crianças possam trabalhar de forma criativa, inclusive atividades extra-muros escolares, quando aluno e professor terão a oportunidade de aceitar, experimentando o desafio da criatividade, que está no ser e não no objeto.

É de extrema valia acrescentar, também, que *a criança tem voz*. Se ela possui a capacidade de falar, é porque precisa expressar sua individualidade e intenções. Cientificamente, um indivíduo, ainda que esteja visível ao seu interlocutor, pode ser conhecido apenas pelo timbre de sua voz. Isso também acontece com a criança. Ainda que existam muitos profissionais e educadores preocupados

com o que de melhor ensinar as crianças, ninguém melhor do que elas para conhecer suas reais necessidades.

3.3- Da realidade para a possibilidade.

Do ponto de vista dos alunos, sua realidade era limitada. Isso ocorria, segundo eles, porque “os outros” nunca os ouviam. Desse modo, eles ficavam impossibilitados de exercitar sua capacidade criativa.

Após a conversa sobre os ideais e sua importância na vida, propusemos duas atividades nas quais pudemos observar que os alunos vivenciaram as experiências/intervenções que tanto desejavam participar.

Sendo assim, entendemos que o ensino criativo, como já sinalizamos, não está apenas relacionado à grande quantidade e variedade de recursos. Acreditamos que nesse tipo de ensino, é necessário, para além de um amontoado de objetos e instrumentos, uma “postura criativa”. O educador posiciona-se criticamente sobre a realidade que está à sua frente e intervém de forma criativa.

Apresentaremos breves reflexões sobre a participação das turmas nas duas atividades que propusemos com o objetivo de sinalizar o fato de que, quando devidamente orientados, os alunos desenvolvem seu potencial criativo.

A primeira atividade foi antecedida por uma contação de história “Juntos, nós podemos”⁴ (Anexo III - fotos 2 e 3). Um dos aspectos que a mesma enfatizava era a questão da solidariedade e da importância do trabalho em grupo. Durante a contação, os alunos mantiveram-se muito atentos.

Ao chegar ao ponto conclusivo da história, paramos porque esse era o ponto para a introdução da atividade, que tinha por título “Superando obstáculos”. Pedimos que os alunos ficassem de pé e ficassem dispostos em círculo para fazer uma atividade. Distribuímos um pirulito para cada criança e as desafiamos que dobrassem o braço esquerdo para trás e com o braço direito esticado, levasse o pirulito à boca sem dobrar o braço. O desafio era: se eles só tivessem o pirulito para se alimentar, e estivessem nessas condições, como fariam para se alimentar?

Houve momentos de hesitação. Alguns alunos, inutilmente, tentavam dobrar o corpo, na intenção de alcançar o pirulito, quando de repente os dois menores alunos da sala, que somente observavam as tentativas frustradas dos demais, viraram de frente para o outro e encontraram a solução: um “alimentou” o outro.

⁴ Trata-se de uma estória com várias versões. Em anexo, apresentaremos a versão com a qual trabalhamos.

Quais foram os recursos utilizados nessa aula? Uma história, os alunos e muita vontade de interagir com os mesmos. Foi interessante perceber que, nessa atividade, os alunos intervieram de forma crítica e criativa, propondo soluções/alternativas para a resolução de problemas.

Supomos que esse é um dos principais aspectos do ensino criativo: a liberdade do aluno fazer, criar, interagir e participar de todo processo de aprendizagem, e não apenas decodificar/assimilar conceitos verticais e vedades absolutas.

Após essa atividade, as crianças, que possuíam um potencial criativo ilimitado demonstraram interesse em fazer mais. Então, partimos para a segunda atividade, intitulada “Eu sou suas mão e você é os meus olhos”⁵, que trabalhava com os conceitos de compaixão, ajuda mútua e solidariedade. A atividade consistia em que os alunos formassem duplas e, um com os olhos vendados e o outro com as mão atadas, encontrassem solução para *encontrar e apanhar* um bombom que estava sobre a mesa.

A princípio, essa era a atividade original. O aluno que estava representando o cego estava com as mãos livres e o que estava com as mãos vendadas, enxergava. Desse modo, eles deveriam perceber isso e trabalhar em mútua cooperação para alcançar o objetivo.

Isso aconteceu de forma muito espontânea e criativa. E mais: as próprias crianças modificaram a atividade, propondo meios de dificultar o desafio, o que faria com que o grau de cooperação e ajuda aumentasse entre a turma. Tais mudanças de estratégias pelas crianças nessa atividade foram observadas pela supervisora, que interveio, contribuindo com novos desafios, que muito agradaram as crianças.

De modo geral, a atitude das crianças trouxe uma grande contribuição não apenas às atividades, mas também possibilitou aos professores e aos estagiários um novo olhar/uma nova percepção sobre o espaço criativo, pois onde há criança, há sempre algo novo, há sempre o que se aprender, não só ensinar.

⁵ Por já haver realizado essa atividades em outros momentos, a intitulamos dessa forma.

4. APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS PARA O ENSINO CRIATIVO

Nessa seção, apresentaremos duas propostas para o ensino criativo. É claro que existem milhares delas, somente à espera de uma mente para florescer. O espaço de CIEP Porto do Roza foi uma verdadeira oficina para nós, pois não só compartilhamos o que sabíamos com as crianças, mas aprendemos muito, e acrescentamos à nossa experiência as experiências também vividas por elas, já que a liberdade de criar transforma o espaço, que, muitas vezes, aos olhos do adulto, não tem tanto significado, em verdadeiros ateliês, em que as crianças pintam incomparáveis quadros de sonhos que se misturam à realidade.

A dança e a música são sugestões que podem ser aplicadas em qualquer disciplina. Para isso, é necessário que as crianças recebam informações sobre a cultura e diversidade de cada povo. Neste sentido, a atividade, que a princípio, seria apenas de expressão física, pode-se tornar um veículo de ricas informações para os alunos. Nesses tipos de atividades, o aluno desenvolve a criticidade e a criatividade enquanto as aulas acontecem de forma mais prazerosa.

A dramatização também é uma atividade muito aceita pelos alunos, ao mesmo tempo em que a criança desenvolve sua autonomia e se reconhece como um sujeito ativo dentro de determinado contexto, aprende a interagir dentro de um grupo, entendendo a importância de agir com respeito às diferenças.

De certo modo, essa atividade possibilita um “diálogo de sentidos” entre os “artistas” e o público, pois além do diálogo das palavras, as expressões corporais e faciais são um mecanismo que possibilita melhor interação.

Além das atividades propostas por nós, com a cooperação de mais quatro colegas, as atividades a seguir foram realizadas e como as demais atividades, houve bastante interação dos alunos.

A primeira atividade, “Jogo de Boliche”, foi um jogo de boliche feito com garrafas PET (Anexo III - foto 4), em que as crianças puderam trabalhar com a interdisciplinaridade, pois aprenderam conceitos da Matemática, Geografia, Ciências, além dos temas transversais reciclagem e meio ambiente.

A segunda atividade, “Aquário- convivendo com as diferenças” teve como objetivo principal trabalhar com noções de sociabilidade e de como aprender a conviver com as diferenças. Além disso, a ciência esteve presente ao se abordar sobre a biodiversidade dos seres marinhos. Os alunos deveriam pintar e colar as dobraduras dos peixinhos e outros seres marinhos em um mural (representando o mar) que estava afixado no quadro à altura dos alunos. (Anexo III - fotos 5 e 6)

Como já sinalizado, a turma participou ativamente de todas as atividades, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento das mesmas.

É interessante observar que outras colegas, ainda realizaram outras atividades, tais como as das estagiárias da foto 7, que trabalharam com o tema racismo/discriminação racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida de que a prática em sala de aula é um terreno que possibilita o nascimento de muitos sonhos. Não apenas o nascimento, mas também a manutenção deles. É necessário que o espaço da sala de aula seja um lugar acolhedor, em que a criança se sinta protegida e com liberdade de ação. Suponho que muito perderemos se não tivermos um olhar de investigadores de possibilidades não só dentro de sala de aula, mas em tudo que estiver ao nosso redor, pois onde houver criança e visão de pedagogo, há oportunidade de atividade e criatividade.

Um espaço muitas vezes não explorado é o pátio da escola, onde muitas disciplinas poderiam ser enriquecidas com a curiosidade e as descobertas das crianças, seja por um caracol descansando no jardim, uma formiga preocupada em abastecer seu formigueiro ou um casulo à espera do seu dia de borboleta. Creio que sejam esses os subsídios que a natureza proporciona ao atento educador e que não têm preço, só a grata satisfação de educando e educador. Na pesquisa realizada, consideramos a quadra de esportes como um local pouco explorado, pois é um local que pode se tornar o palco do exercício de muitas atividades criativas. (Foto 8)

Muitas tarefas executadas pelos alunos são consideradas por eles como verdadeiros castigos pela negação do prazer do fazer. Quando entram na sala de aula já sabem que apenas repetirão ou continuarão com a mesma atividade do dia anterior, o que dá origem às perguntas: “Por que não posso? Por que não tenho?”, questionando assim o tratamento diferenciado que é dado às instituições de ensino de nosso país.

Em muitos casos, essa desatenção às escolas por parte das autoridades gera certo desconforto aos educadores, que exaustos pelas batalhas e em busca de melhores condições salariais e de propostas educativas que venham atender de fato à população discente, parecem demonstrar desinteresse no desempenho de sua prática. Contudo, não devemos nos esquecer que há, ainda, aqueles que acreditam em sua vocação, deixando em segundo plano as inúmeras adversidades que se interpõem em sua trajetória docente.

O professor supera as “limitações” da *profissão*, evidenciando o exercício da *vocação*, quando diante de tantos desafios não desiste de procurar alternativas que valorizem o educando como um ser autônomo, crítico e, sobretudo, criativo.

É sempre importante sinalizar que não existe o método correto ou a melhor forma de ensinar, esses são fatores que são apreendidos/reformulados no cotidiano da prática do ensino. Contudo, o que não deve deixar de existir no professor é uma postura de constante questionamento sobre sua prática e as reais necessidades de seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

CANÁRIO, Rui, O prazer de aprender. **Revista Pátio**, n.39, agosto/outubro. 2006.

FERREIRA, Rodolfo. *O professor invisível: imaginário, trabalho docente e vocação.* Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2003.

FOLHA DIRIGIDA, 15 de outubro de 2009. **Suplemento de Educação- Missão- Professor, uma tarefa insubstituível.** p.1-11

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GARDNER, Howard. O cientista das inteligências múltiplas. **Nova Escola.** Edição especial, , São Paulo, n.19, p. 128/130.

GREATTI, M.A., LOIOLA, J.G, e , MORETTI, S. M. D. Criatividade na escola: uma atividade a ser desenvolvida. In: AKRÓPOLIS - **Revista de Ciências Humanas da UNIPAR,** Umuarama, v.12, n. 3, jul./set., 2004.

MEDEIROS, Alexandre. *A Busca da Liberdade e a Educação Básica de Santos Dumont.* In: **Física na Escola**, v.7, n.2, 2006. p.29-32

NEILL, Alexander S.- O promotor da felicidade na sala de aula. **Nova Escola. Nova Escola.** Edição especial, , São Paulo, n.19, p. 77-79

ANEXOS

Anexo I – Atividades.

Juntos, nós podemos!

Em passagem por uma cidade, um viajante observou que todos os moradores daquela cidade eram muito emagrecidos e tinham algo que os diferenciavam dos outros seres humanos de outras cidades: seus braços, ao invés de dobrarem para frente, eram dobrados para trás, dificultando nas atividades que exigiam que suas mãos e braços fossem utilizados, inclusive no preparo dos alimentos e no ato de se alimentar.

O viajante continuou caminhando e chegou à outra cidade. Ali, ele observou que os moradores da mesma também tinham as mesmas dificuldades físicas enfrentadas pelos moradores da cidade anterior. Entretanto, esses moradores eram bem gordinhos. Observando isso, ele ficou curioso em saber como eles superavam essas dificuldades. Não demorou muito para que o viajante entendesse o mistério: olhando ao redor, observou que um alimentava o outro, superando assim as necessidades básicas dependentes dos movimentos normais dos braços.

Atividade I: Superando obstáculos

➤ Após a contação da história Levar os alunos à reflexão fazendo a seguinte pergunta: Como vocês acham que os moradores da segunda cidade conseguiram superar suas dificuldades e os da primeira, não? (Na atividade que realizamos com os alunos, contamos a história até o ponto em que o viajante chegou à segunda cidade e encontrou os seus habitantes com as mesmas dificuldades que os da primeira cidade, e, apesar disso, eram gordinhos). Depois da interação dos alunos, propor a seguinte atividade: os alunos, dispostos em círculo e com um pirulito na mão direita, deverão levá-lo à boca sem dobrar o braço e sem o auxílio da mão esquerda. Quando a criança perceber que a solicitação foi de levar o pirulito à boca, não propriamente a sua, ela se virará para o colega ao lado propondo a troca que consiste em “um alimentar o outro”, ou seja,

uma criança levará o pirulito à boca da outra superando assim o desafio.

➤ O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos participem de forma criativa do desafio, percebendo que eles são capazes de propor alternativas para situações que, a princípio podem parecer impossíveis. Além disso, a interação com o outro e a descoberta da possibilidade de trabalhar em

cooperação para o bem estar coletivo pode gerar um senso de comprometimento com relação ao outro e consigo mesmo.

➤ Ao término da atividade, pode-se dialogar com os alunos sobre a necessidade da vida em sociedade e dos princípios de solidariedade. Uma outra alternativa é propor que eles, a partir do que entenderam da história, escrevam outra, incluindo os mesmos princípios.

Atividade II: Eu sou suas mãos .Você , os meus olhos!

➤ Essa atividade pode ser realizada como seqüência da anterior (trabalhamos dessa forma com a turma) ou até mesmo ser feita aos a contação da história, pois possui a mesma dinâmica da anterior.

➤ Dispostos em duplas, os alunos (um com os olhos vendados e o outro com as mãos amarradas para trás) deverão solucionar o seguinte desafio: em duplas, um com os olhos vendados e o outro com as mão atadas, deverão conseguir solução para *encontrar e apanhar* um bombom que vai estar sobre a mesa.A intenção é de que acriança que estiver com os olhos vendados sinta a necessidade de ser auxiliada pela outra para encontrar o bombom sob a mesa.seus olhos estão vendados mas suas mãos estão livres podendo usá-las no desempenho da atividade. A mesma atitude se espera ser tomada pela outra criança que está de mãos atadas,porem “não tem deficiência visual”,estando livre assim para dar as coordenadas à criança que, com as mãos livres apanhará o bombom com menos dificuldade ,podendo assim entender que em parceria com o colega foi mais fácil resolver a questão. É interessante deixar que dentro desta proposta as crianças mudem as estratégias, suponho

que elas trarão muitas surpresas que serão de grande valor para o educador e o educando.

➤ O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos proponham possíveis caminhos para conseguir superar o desafio. Para isso, deverão trabalhar com criatividade e cooperação reconhecendo a necessidade de aceitar e respeitar as diferenças e valorizar o trabalho do outro.

Anexo II

Atividade 1: Jogo de boliche com garrafa PET

Material:

- Garrafas PET 2 l.;(de seis a doze garrafas)
- Hidrocor;
- Papel ofício (a metade do número de garrafas);
- 1 bola;
- 1 frasco de cola.

Procedimento:

➤ Cole rótulos feitos com a metade de uma folha de papel ofício em cada garrafa. Escreva em cada rótulo dezenas diferentes. Disponha a garrafa como são colocados os pinos em jogos de boliche. Cada criança deverá ter a oportunidades de jogar o mesmo número de vezes.

Tática do jogo:

➤ Some as dezenas das garrafas derrubadas e depois as que não foram. Junte os dois resultados e subtraia-se. A criança deverá saber a diferença entre o número das garrafas derrubadas e das que ficaram “em pé.”

Objetivos:

- Ensinar as crianças a reciclar com criatividade;
- Auxiliá-los na compreensão da Matemática.

Observações importantes:

➤ Todo processo deverá ser feito pelas crianças sob observação do professor, que intervirá quando necessário. Com relação à aquisição do material do jogo, as crianças também

poderão participar providenciando as garrafas dando assim um exemplo da importância da reciclagem, assunto que deverá ser abordado como já dito acima.

Atividade II: Aquário - convivendo com as diferenças.

Material:

- 3 folhas de cartolina azul ou uma folha de papel 40 quilos branca, pintada pelas crianças de lápis de cor azul ou guache;
- Folhas de papel ofício branca;
- 1 frasco de cola;
- Lápis de cor de diferentes cores.

Procedimento:

- Cada aluno deverá receber uma folha de papel ofício branca, que, com a orientação do professor, se transformará em dobraduras de peixes. Depois disso, os alunos deverão pintar as dobraduras. Pode-se sugerir que eles façam dobraduras de outros animais marinhos que imaginem que existam lá, como algas, estrela-do-mar, corais... Em seguida, colarão essas figuras no mural feito de cartolina.

Objetivos:

- Trabalhar com conceitos como biodiversidade e ecologia;
- Estimular a criatividade artística;
- Demonstrar a importância de se viver em comunidade, pois assim como os animais marinhos, nós dependemos um dos outros para viver melhor.

Observações importantes:

- É importante que as crianças sintam liberdade para fazer essa atividade e acrescentar o que considerarem necessário. Suponho que muitas curiosidades surgirão, entre as quais, algumas sem possibilidades de resposta imediata. Muito bom, pois esse será o momento para agendarem uma pesquisa sobre o assunto que provavelmente levará a outro e a outro e...

Anexo III- Fotos



Foto 1- CIEP Porto do Roza- local onde as questões apresentadas e a presente pesquisa foi elaborada.

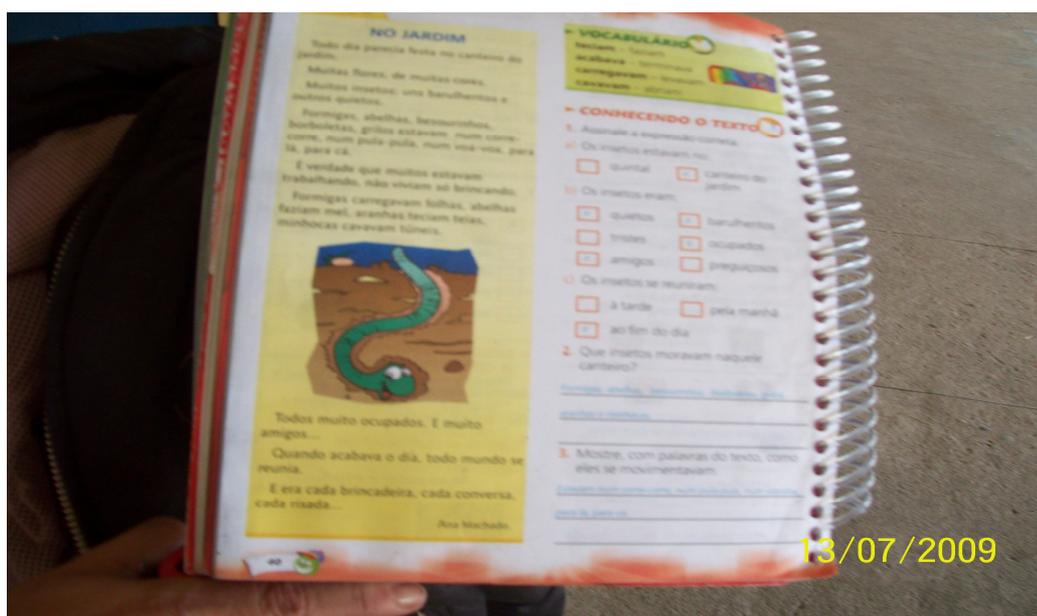


Foto 1.1- Foto do texto de Maria Clara Machado “No Jardim”. Foi trabalhado em aula pela professora com a turma de terceira série. Esse texto aborda a biodiversidade no



Foto 2- “Juntos, nós podemos”. Atividade realizada nas turmas de segunda e terceira séries, que deu origem ao presente trabalho de pesquisa.

Foto 3- A felicidade dos alunos por encontrarem a resposta do desafio da dinâmica “Juntos, nós podemos.”



Foto 4- Atividade de jogo de boliche feito com garrafa PET. Nessa atividade, os alunos utilizaram conceitos de matemática e de outras disciplinas, além de alguns dos temas transversais.

Foto 5- Crianças preparam as dobraduras dos peixinhos na atividade “: Aquário - convivendo com as diferenças”, que serão...



Foto 6- ...coladas por eles no mural, na atividade “Aquário - convivendo com as diferenças.”



Foto 7- Estagiárias preparam cartazes para realizar atividade relacionada ao tema racismo, baseada no livro de Ana Maria Machado: “Menina bonita do laço de fita.”



Foto 8- Quadra de esportes do CIEP Portão do Roza. Local onde muitos sonhos podem ser realizados, através de dramatizações, danças, música e outras atividades voltadas para o desenvolvimento físico, mental, emocional e CRIATIVO da criança.